

Escolher a modernidade

No dia em que se comemorará o centenário da proclamação da República, os brasileiros selarão para sempre a sorte do País. O destino do Brasil não é mais decorrência de sua posição geográfica — até certo ponto, o desaparecimento político do Muro de Berlim tornou sem importância a posição geoestratégica brasileira no grande confronto Leste-Oeste. O destino do Brasil está na dependência, como sempre esteve para os que sabem ler o livro da História, da decisão política: ou engrossar a fileira dos que desejam penetrar os portais do século XXI valendo-se da tecnologia e da universalização da educação ou conformar-se em ser o “país do futuro”, tendo como guia e farol Cuba, Nicarágua, Albânia, China — para não falar em Angola e Moçambique, duramente sacrificados por uma longa e cruenta guerra civil.

Amanhã, os brasileiros farão sua opção pela modernidade ou pelo atraso. Não são as pessoas que estão em causa; o fundamental nesta eleição é votar na idéia do amanhã ou no sonho utópico e retrógrado do anteontem. Os candidatos — falamos daqueles que se apresentaram em nome de aspirações difusas, ou de partidos estruturados, não dos que não sabem por que motivo ainda tomam o tempo e a atenção dos eleitores — tiveram tempo de exprimir suas idéias, tomar posição diante dos problemas do Brasil e do mundo. Alguns tiveram a percepção do que representa este pleito; outros preferiram usar a linguagem do passado, revestindo-a de cores de progresso social. Houve, também, aqueles que não perceberam, por imaturidade ou por não ter assimilado as lições da experiência, o que está em jogo. Hoje, a rigor, só merecem o voto dos 82 milhões de brasileiros os que sabem que o Brasil é maior do que seus Estados natais, e que este país necessita de um governo que esteja à altura do desafio que 142 milhões de pessoas antepõem todos os dias às autoridades, reclamando instituições estáveis, uma economia saneada (que por si se tornará então pujante), um governo austero, imbuído do sentido de grandeza e comprometido com o progresso. A escolha far-se-á em torno desse ideal e não de pessoas.

Nestas poucas horas que nos separam do momento cívico supremo, é indispensável que todos os brasileiros meditem sobre as mensagens que durante dias lhes foram transmitidas

pelos meios de comunicação, ou nos comícios. Apesar da imensidão daquilo que está em jogo, pode dizer-se com orgulho que esta foi uma das campanhas presidenciais mais ordeiras de que se tem notícia. Os incidentes provocados aqui e ali, à esquerda e à direita, ou o grotesco episódio eleitoral com que se tentou desviar a atenção do eleitorado dos reais problemas em jogo, não chegaram a empanar o brilho da jornada. Ao longo dela, cada qual disse ao que veio. Amanhã, na cabine indevassável — cujo segredo será guardado pelos cidadãos que no anonimato das juntas receptoras respondem pela lisura do pleito —, os brasileiros poderão votar naquele que, em seu entender, levará o Brasil para os umbrais de um mundo novo.

Este mundo não é mais sonho. Nasce, com as agruras da dor própria do parto, na Europa, eterno berço de nossa civilização. Num movimento telúrico, como que tornando real o sonho desse grande visionário, de Gaulle, que via a Europa estender-se uma do Atlântico aos Urais, a estrutura do mundo comunista — símbolo do atraso econômico, da opressão política e do terror do Gulag — cede terreno ao desejo de liberdade, modernidade e progresso, abrindo suas portas às novas idéias que se gestaram nos laboratórios e nas universidades do Ocidente, e às experiências que se forjaram nas lutas políticas da democracia parlamentar ocidental. Este é o mundo novo, que na Europa se vê, para não dizer que se sente, como se sente o vento que acaricia a pele. No Brasil, este mundo novo, os horizontes que se rasgam à imaginação criadora, ainda não é palpável; vê-se, no entanto, no noticiário das televisões, lê-se nos jornais e nas revistas, intui-se que existe porque todos sabem que a aventura humana não cessa nunca. Não é só na Europa que o vento da modernidade traz a sensação do novo acolhedor; na América Latina, vencendo preconceitos e arrostando dificuldades, o desejo de afirmar o futuro destrói as barreiras do reacionarismo social e econômico no México, na Argentina, na Bolívia, na Venezuela e agora, de maneira fulgurante, superando o medo, no Peru, sob a condução de Vargas Llosa. A América Latina não está condenada a permanecer estagnada; como no passado, sua vocação é democrática, é lançar-se à grande aventura humana do progresso e da modernidade — desde que haja vontade a animá-la e liderança políti-

ca capaz de conduzir as aspirações ao bom porto.

Durante a campanha política, o eleitor brasileiro teve oportunidade de formar a sua vontade, tomar posição diante do desafio da modernidade, pesar as qualidades, virtudes, defeitos e preconceitos de quantos amanhã reclamarão seu voto. O Brasil saberá no dia 15 qual será seu destino: a vontade de cada um dirá para onde queremos ir: para este mundo novo em que as oportunidades oferecidas pela tecnologia se multiplicarão como os pães e peixes do Evangelho, ou então, desgraçadamente, para um mundo que é velho, sem esperança. A Europa do Leste renasce, reencontrando a unidade cultural de que a Cristandade sempre foi símbolo, e renasce pelo anseio de modernidade, no imenso contexto hodierno do Japão, da nova Ásia e dos Estados Unidos. No dia 15 de novembro, cada um de nós deverá saber escolher entre colocar o Brasil no grupo dos vanguardeiros do progresso, ou neste velho mundo carcomido pela opressão e pela falta de sentido profundo da vida: o mundo do Gulag que ainda resiste ao reclamo de liberdade, e que tem em Cuba, na Albânia, na Nicarágua e na China os seus pontos de referência.

Perfilhamos desde o primeiro momento a tese dos dois turnos porque sabíamos que era necessário que a escolha do presidente fosse feita pela maioria da população. A evolução dos fatos no Brasil e no mundo deu-nos razão: por mais plebiscitária que possa parecer a escolha de dezembro, o certo é que os rumos que a Nação quer seguir já estarão indicados no pleito de amanhã. Depois de dezembro, quando a Nação tiver feito sua definitiva escolha entre a modernidade e o atraso, será a longa espera até março — a menos que, em sua sabedoria insondável, a Providência ilumine o presidente José Sarney para que antecipe o fim dessa dolorosa espera entre a inação e o futuro. Depois virão os poucos dias de estado de graça, e em seguida cada um de nós cobrará, do presidente que elegeu, o atendimento das promessas feitas, o compromisso com as idéias que justificaram sua escolha.

O compromisso de cada um de nós, neste 15 de novembro, deve ser com idéias, não com indivíduos. A escolha, entre a modernidade e o atraso. O Brasil do futuro confia no discernimento do País do presente!